

IAN – SUFIXO DA IDENTIDADE – PRESENÇA DA COMUNIDADE ARMÊNIA NO PROCESSO DE URBANIZAÇÃO DE OSASCO

SUELI RIBEIRO MARTINI

PUC - SP

Muitas são as formas de se refletir e analisar uma cidade. Uma das possibilidades é tentar apreendê-la pela análise da dinâmica social empreendida pelos sujeitos que vivem a/cidade e que, nesse processo, interagem entre si e com os outros moradores num universo de relacionamentos conflituosos e ambíguos que, muitas vezes, deixam sua marca na ocupação do espaço urbano configurando-lhe territorialidades diferenciadas, carregadas de significados e simbolismos que se inscrevem na conformação do espaço. Este trabalho apresenta-se como uma das possibilidades de discussão acerca da problemática do processo de urbanização do município de Osasco, tomando como eixo norteador a experiência de um grupo de imigrantes armênios que começam a se instalar no município nos anos de 1926 empreendendo modos de viver que, ao mesmo tempo que os identificam culturalmente, estabelecem uma dinâmica social que entrecruza-se com a história da cidade sendo assim, elemento constitutivo dela.

Ian é um sufixo que necessariamente é a terminação dos sobrenomes armênios, sendo portanto, um elemento que ao mesmo tempo que os identifica, nos remete à sua identidade cultural. Segundo uma das entrevistas realizadas com Artur Chirinian, membro desse grupo de imigrantes :

“Ian é um sufixo tradicional das famílias armênias e ele significa pertencente à família, ou da família, igual por exemplo da Silva, em armênio seria Silvian, da Silva, da família Silva e, normalmente, esses sobrenomes antigos, eles definiam-se ou para por uma característica física, uma deficiência, ou na maioria das vezes pela profissão ...tem muita influência turca devido a dominação de mais de 600 anos... por exemplo, meu sobrenome é Chirinian, chirin em turco quer dizer agradável, uma pessoa doce, Chirinian então é filho da família de pessoas simpáticas...”

Em Osasco, além da identificação de algumas ruas centrais apresentarem o sufixo Ian, a constituição do bairro de Presidente Altino, o primeiro núcleo de povoação da cidade, é representativo da presença e influência Armênia na urbanização local, além do que, na década de 50/60, com o processo de emancipação política vivido pela cidade, o primeiro prefeito eleito é membro da Comunidade Armênia. O trabalho com a memória desses imigrantes armênios, pretende analisar a experiência do espaço vivido no tempo, não como apenas um lugar físico mas, um lugar carregado de vivências e marcos que remetem e vivificam a identidade ao mesmo tempo que constrói a sobrevivência e a própria cidade.

Como historiadora, a cultura e a diversidade me encantam, não como categorias que empreendem narrativas explicativas do costume e tradição populares, mas, como categorias de onde emergem a força dos sujeitos que fazem a história. Ao pensar a diversidade que nossa sociedade apresenta, me leva a admitir a importância que os imigrantes tiveram na constituição da identidade brasileira. Identidade vista aqui como um todo onde as pluralidades se imbricam e a diversidade étnica é apenas um dos fatores e no qual os imigrantes participaram ativamente. A experiência de ser osasquense e testemunhar não somente a diversidade étnica na cidade mas, também, as constantes alterações na configuração do espaço urbano especialmente no centro e bairros a ele ligados, é que me desafiam a refletir, como historiadora, o que tem sido feito para resgatar e preservar a História da cidade. Admitindo que o espaço é social e historicamente constituído, a História é aqui pensada não como apenas o passado mas, como experiências vividas, como disputas por lugares, como modos de vida, como sentimento de pertencimento, como processo contínuo de re-elaboração e atribuição de significados ou, ainda, como um fazer-se e fazer a cidade à partir da dinâmica social vivida e compartilhada. Considero que não é necessário pertencer à esse grupo de imigrantes para com ele estabelecer vínculos significativos através do processo de lembrar/narrar, como pesquisadora é um desafio mergulhar nas experiências de vida buscando revelar sua historicidade. Inspirada pelo narrador de Walter Benjamin¹, trata-se de narrar de quem vive a/cidade e busca apreendê-la pela multifacetada dinâmica social. Admitindo que toda narrativa possui uma dimensão

utilitária que o narrador tece a partir do vivido e que, portanto, o narrar é também alertar, meu trabalho se apresenta como uma das possibilidades de apreensão da História da cidade de Osasco tendo como temática a configuração do espaço urbano analisado à partir das experiências de vida dos sujeitos que nele habitam e interagem.

As análises de Antonio Augusto Arantesⁱⁱ sobre a produção social do espaço público, possibilitou-me refletir sobre os processos sociais por meio dos quais marcos culturais são produzidos e modificados pelas pessoas comuns em seu cotidiano, em especial nas práticas referentes ao espaço urbano, e levaram-me a perceber que a paisagem e a forma que os cidadãos encontram para atribuir significado à ela, se encontram articuladas ao modo como se estrutura a vida social, as identidades e o sentimento de participar da vida da cidade.

A partir da realidade urbana da cidade hoje, considero importante refletir sobre os aspectos políticos e culturais da produção social do espaço, bem como a noção de território que permeia a dinâmica social. Resgatar o início da urbanização da cidade de Osasco trabalhando com a memória de imigrantes armênios que se instalam desde a década de 20 no bairro de Presidente Altino, parece se constituir como viés privilegiado para se vislumbrar os processos sociais que levam à constituição de marcos concretos dessa memória social.

Se por um lado o recente aumento do processo de urbanização do município contribui para construir-se uma nova identidade para a cidade, por outro lado, não se vislumbram os processos sociais que levam à constituição de marcos concretos da memória social. Trata-se de uma relação de poder entre público e privado, uma relação de conflitos e interesses que se imbricam e forjam em meio a tensões, o espaço público carregado de símbolos e significados. O risco que corremos é que nesse campo de lutas simbólico, a categoria progresso acabe por solapar a memória e com ela, a própria história do município. Necessário se faz, então, resgatar algumas dessas memórias pelo viés de sujeitos que nas experiências forjadas pelo fazer-se e, ao mesmo tempo, fazer a cidade, vivenciam e se apropriam do espaço, preservam sua cultura e constantemente, re-significam sua identidade e incorporam novos valores e significados.

O trato com imigrantes nos remete automaticamente ao universo da cultura materna e ao processo de assimilação à nova realidade. Raymond Williams coloca:

*“A idéia de um processo social fundamental que modela “modos de vida” específicos e distintos é a origem efetiva do sentido social comparativo de “cultura” e de seu plural, já agora necessário, de “culturas”.*ⁱⁱⁱ

Considerar, segundo Williams, o processo social que modela modos de vida específicos e distintos, sem desconsiderar cada sujeito em sua subjetividade mas considerando-o em constante relação com o meio é, pois, o fundamento deste trabalho. As experiências vividas e compartilhadas na inserção nos meios produtivos e sociais, as disputas e tensões que se estabelecem nesse fazer-se, as fronteiras culturais que se cruzam e interagem forjando novas leituras e simbolismos, as escolhas e as formas de se apropriar do espaço e nele deixar suas marcas, são todos elementos constitutivos dessa dinâmica social que empreende não apenas cultura mas, culturas.

Se no presente, segundo Pierre Nora^{iv}, as sociedades pensam a História como apenas o passado, é porque estão sendo levadas pela mudança que a modernidade impõe e se distanciam da memória verdadeira que é social e intocada, um elo vivido no eterno presente. A memória não é apenas a depositária de fatos, pessoas ou imagens, ela é uma força ativa que molda, que é dinâmica e está dialeticamente relacionada ao pensamento histórico segundo Raphael Samuel^v. Em razão disso, mergulhar na análise da memória não é apenas revisitar o passado mas, um trabalho de desvendamento e apreensão das experiências de sujeitos que vivem a cidade e a percebem como constitutiva da história vivida.

Embora muitos trabalhos tenham analisado as correntes imigratórias para o Brasil refletindo sobre as razões da vinda, o período histórico, as políticas empreendidas por esse processo bem como seu impacto na sociedade brasileira, percebe-se neles uma tentativa de apresentar esses processos como homogêneos e organizados, num olhar linear e superficial que nega aos imigrantes a individualidade de que cada sujeito é portador. Há uma uniformização de sujeitos e de identidades imigrantes, uma negação das tensões, conflitos e disputas presentes no cotidiano da realidade social.

Este trabalho não é sobre imigração mas, sim, sobre sujeitos imigrantes privilegiados em suas particularidades e em seu papel no social.

A metodologia privilegiada – a História Oral- para abordagem da problemática, está em grande medida balizada nas reflexões de Alessandro Portelli^{vi}, seja nas questões teóricas para o trato com essa fonte seja para as posturas mais práticas. As entrevistas orais são elemento primordial da pesquisa pois, o objetivo é construir uma interpretação à partir das experiências de vida dos sujeitos, assim, o destaque é a pessoa que lembra, re-organiza sua memória e narra suas experiências sendo que, dessas falas emergem questões e problemáticas que a pesquisa pretende aprofundar. Segundo David Lowenthal, é necessário ter consciência do passado como pré requisito para o nosso bem-estar, essa habilidade nos preenche e completa mas, temos dificuldade de lidar com o passado porque freqüentemente ficamos em dúvida sobre sua veracidade já que ele não existe mais. Então como tomamos conhecimento do passado? Basta percebermos que lembramos, lemos e ouvimos histórias e crônicas e vivemos “entre relíquias de épocas anteriores... toda consciência atual se funda em percepções e atitudes do passado”^{vii}. Assim, elencar o maior número de fontes possível parece se constituir no procedimento metodológico mais viável para que possamos construir uma interpretação do passado capaz de dar sentido as questões que o cotidiano nos apresenta, não havendo a pretensão de esgotar o assunto ou mesmo de dar conta de toda a verdade tal qual ela se apresentou. O grande desafio é tentar apreender nas narrativas e em outras fontes, o que os identifica na complexidade da vida. Atingir esse objetivo é tentar ir além do narrar, é perceber que identidade é processo e não conceito pronto e acabado onde as particularidades e tensões não existem.

Os imigrantes armênios presentes em Osasco, tem em sua bagagem cultural forte traço do motivo que empreendeu o movimento de emigração. Trata-se dos longos anos de dominação turca sobre o território da Armênia que culminou com um genocídio em 1915 que vitimou cerca de um milhão e meio de armênios e obrigou os sobreviventes a empreenderem a diáspora. Desta parte do território dominado é que se originam a primeira geração de armênios que chegam a Osasco nos anos de 1926, vindos de regiões da Síria e do Líbano para onde haviam se refugiado nos primeiros anos pós-genocídio.

Nas narrativas colhidas percebe-se as tensões e conflitos dessas experiências. No narrar de membros da diretoria da Comunidade Armênia de Osasco, está presente o discurso que pretende manter a coesão do grupo através da constante vivificação da memória dos antepassados e dos horrores do genocídio turco, apegam-se a religião como um dos elementos que empreende o sentimento de pertencimento, as narrativas geralmente são em terceira pessoa – nós – como que para focar o grupo, a comunidade e, portanto, a identidade armênia – a armenidade, estendendo-a a todos os armênios sem distinção de quaisquer subjetividades ou especificidades. No entanto, no narrar de outros entrevistados o destaque é muito grande para as experiências vividas em família e com outros moradores do bairro onde, a armenidade é destacada muito mais pelo espírito guerreiro e pela culinária, o narrar dá-se muito mais na primeira pessoa ou com seus pronomes – eu, minha, meu, meus – revela-se muito mais a dimensão afetiva da experiência.

Pensando o espaço urbano como em constante movimento cristalizado pelo fazer-se dos indivíduos, pretendo refletir inicialmente sobre a constituição da Comunidade Armênia de Osasco como pessoa jurídica nos anos 30. À partir de iniciativa das primeiras famílias que se instalaram em Presidente Altino e que, com esforço conjunto, compraram três lotes de terreno para a edificação da Igreja Apostólica Armênia São João Batista, a qual veio a ser a primeira igreja armênia do Brasil, neste espaço carregado de simbologias e significados constitui-se verdadeira rede de solidariedade entre as famílias e delas com os outros moradores da cidade, de tal forma que tornou-se o centro do processo de construção da memória desses armênios, além de constituir-se como forte marco de territorialidade. Me proponho a discutir e localizar historicamente esta rede de vivências, tentando perceber de que maneira a memória construída no processo de lembrar e narrar durante as entrevistas se cruza com o processo de construção da memória oficial no âmbito

da CAO. Observando as trajetórias dos sujeitos que vivenciam aquele espaço, percebo que a CAO é um patrimônio de seus membros que assim a concebem à partir de uma gama ampla de relações sociais nas disputas que se dão em seu interior, ela não tem uma memória única mas expressa a memória construída por essa multiplicidade de sujeitos, não se trata de delimitar o que é memória popular e memória oficial pois, os sujeitos que ali interagem são os mais variados possíveis, ficando entre os mais letrados com uma formação superior e inserção nos meios acadêmicos e políticos da cidade, até sujeitos iletrados que tem uma memória da experiência vivida e compartilhada nos meios produtivos e sociais, o que importa é priorizar a pessoa que tem a CAO como referência de identidade cultural.

O sentimento de pertencimento à esse grupo de imigrantes é sistematicamente construído à partir da participação na CAO e, em razão disso, venho tentando refletir as estratégias que empreendem os processos instituidores dessas memórias além da Igreja São João Batista – a escola armênia que ali funcionou nos anos 40 e 50, a formação do SEC-MAPA(Sociedade Esportiva e Cultural- Mocidade Armênia de Presidente Altino) em 1942, grupo de escoteiros nos anos 40 e 50 ,a fundação da União das Moças Armênicas também em 1942, os diversos jornais, revistas, campanhas, folders e calendários de circulação interna e mais recentemente o Projeto Memória cujo objetivo é resgatar e manter viva a memória dos imigrantes armênios e de seus descendentes, empreendendo para isso a constituição de um museu .Neste estudo importa a maneira como esses sujeitos se apropriam dessas memórias re-significando-as e atribuindo-lhes sentidos e significados.

“A Igreja Apostólica Armênia sempre foi um dos grandes pilares que sustentam a identidade dos armênios. Seus rituais são carregados de simbologia que remontam aos primórdios de sua existência, e a língua armênia é utilizada ainda hoje na liturgia”^{viii}

ⁱ BENJAMIN, Walter. Magia e Técnica, Arte e Política, in O Narrador. Pp 197/198. Ed. Brasiliense, 4 ed.

ⁱⁱ ARANTES, Antonio Augusto. Paisagens Paulistanas- transformações do espaço público. Unicamp; SP, 2000

ⁱⁱⁱ “WILLIAMS, Raymond. Marxismo e Literatura. Cap.I- conceitos básicos- Cultura; pp 23. Zahar Editores, RJ, 1979.

^{iv} NORA, Pierre. Entre memória e história- a problemática dos lugares. Revista Projeto História, 10, dez/93 ,São Paulo

^v SAMUEL, Raphael. Teatros da memória. Revista Projeto História, 14, fev/97, São Paulo

^{vi} Para análise das reflexões de Alessandro Portelli sobre História Oral, ver entre outros:

- PORTELLI, Alessandro. Forma e significado na História Oral- a pesquisa como experimento em igualdade. Revista Projeto História 14, fev/97, São Paulo;
- . O que faz a História Oral diferente. Revista Projeto História 14, fev/97, São Paulo
- . Tentando aprender um pouquinho- algumas reflexões sobre a ética na História Oral (conferência). Revista Projeto História 15, abril/97
- . História Oral como gênero. Revista Projeto História 22, jun/2001, São Paulo
- . A Filosofia e os fatos- narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. Revista Tempo,2, dez/96, RJ.

^{vii} LOWENTHAL, David. Como conhecemos o passado; Revista Projeto História 17, nov/98, São Paulo

^{viii} Folder de circulação interna na CAO – Osasco -1999